

 **Apresentação***Presentation***Prof. Dr. Ricardo Medeiros Pimenta *****Prof^a. Dr^a. Maria José Vicentini Jorente ****

Este número da *Liinc em Revista* apresenta um dossiê temático cuja reflexão se debruça sobre os possíveis desafios à memória na era digital. Marcada pela escalada dos usos e tráfego de dispositivos culturais, políticos e econômicos no ambiente do ciberespaço, o tema da memória na internet – a mídia de nosso tempo, e instrumento contemporâneo de circulação e transmissão de nossas heranças culturais – é, com efeito, aspecto importante de nossa sociedade, caracterizada pela ascensão das mediações eletrônicas. Dessa forma, torna-se necessário refletir sobre os motivos de se preservar a informação ou de apagá-la; e qual o impacto dessa dinâmica para o conhecimento presente e futuro.

A riqueza da natureza própria da internet desvela facetas múltiplas para a investigação da memória que nela transita, e é construída; e cuja circulação modifica as maneiras como percebemos o mundo cotidianamente.

Em um mundo “googlelizado”, onde nosso próprio conhecimento é completamente atravessado pelos recursos tecnológicos dos “motores de busca”, por exemplo, sabemos que a forma como nos relacionamos com nossa memória não é mais a mesma. Navegação, busca, mineração, dinâmica, digital, volatilidade, formatos, usuários, competências, são palavras desse universo, em que dúzias de *terabytes* são produzidos mensalmente de maneira exponencial. O tratamento da memória em tal ambiência deve seguir a mesma curva da produção de informação nela registrada, e que, paradoxalmente de uma natureza efêmera, desaparece continuamente e/ou é com frequência atualizada.

Se confiar memórias ao complexo sistema da internet economiza esforços mnemônicos aos indivíduos e coletivos – que em seus ambientes depositam informações –, então seria a “rede das redes” capaz de expandir a memória do grupo como um todo, liberando espaços nas mentes individual e coletiva, e ampliando recursos cognitivos utilizados para o crescimento e o aprofundamento do conhecimento humano, de maneira jamais alcançada individualmente? As respostas a tais questionamentos não fazem desaparecer a ameaça ao esquecimento ou ao apagamento da informação; apenas tornam tais problemas mais presentes. Afinal, apesar de a memória distribuída da internet criar novos laços inter e trans-sociais, seu possível excesso poderá trazer consigo um dos mais difíceis desafios à frente: será possível esquecer ou apagar a informação?

Mais do que em qualquer outra mídia que a precedeu, a internet é uma mídia de participação coletiva, e tratar da memória nessa ambiência fluida é tratar da memória coletiva objetivada em um suporte de informação diferente de qualquer arquivo ou

* Ibict; PPGCI/Ibict-UFRJ

** PPGCI/Unesp – Marília

biblioteca e, portanto, de importância crucial para o traçado dos novos paradigmas da ciência da informação.

Neste dossiê, buscamos fomentar a reflexão sobre alguns dos “nós” da complexidade que constitui a ambiência, suas potencialidades de ampliação da disseminação de informação e produção de conhecimento, bem como suas fraquezas e barreiras. Assim, os artigos apresentam-se editados em dois blocos com vocações distintas. O primeiro bloco, composto pelos primeiros sete artigos, reúne os textos com uma abordagem acentuadamente teórica e conceitual, pois, embora tenham um objeto concreto, desenvolvem reflexões que buscam contribuir para um horizonte teórico. No segundo bloco, estão os textos cujas reflexões estão diretamente relacionadas a uma prática, plataforma ou ferramenta.

Dessa maneira, abrimos o dossiê com o artigo “A disseminação da tradição e a preservação da memória coletiva na era digital”, de Caroline Kraus Luvizotto, que apresenta as possibilidades de circulação da tradição e demais questões ligadas à identidade diante das práticas de sociabilidade produzidas e reproduzidas no ambiente da *web 2.0*, em que tecnologias da *web* passaram a redefinir a disseminação de conteúdos culturais.

O segundo artigo, “História pública digital”, de Serge Noiret, aborda as mudanças ocorridas na documentação, nas formas e ferramentas usadas para armazenar, tratar e acessar a informação a partir da “virada digital”, cujo principal desafio se constitui na necessidade de compreender a nova capacidade pública para todos trabalharem com o passado. O papel público do historiador na era digital, marcado pela ascensão das humanidades digitais, sugere com isso uma revisão de questões epistemológicas e ferramentas metodológicas para se lidar com novas interconexões entre o passado, nosso presente e nosso futuro, em que as mudanças metodológicas no ofício dos historiadores, sejam acadêmicos ou públicos, reconfiguram as relações com a informação no campo digital e com a história advinda dela.

Já “A internet como instrumento da democracia: um estudo comparativo entre as memórias virtuais dos Parlamentos do Reino Unido e do Brasil”, de Roseane Andrelo e Wanessa Valeze Ferrari Bighetti, discute as possíveis políticas de preservação digital do Parlamento do Reino Unido e do Senado brasileiro, não somente como lugares de memória, mas como plataformas de acesso à informação em uma sociedade democrática e cidadã.

No artigo “A cultura da convergência midiática e a fábula da autonomia: uma breve discussão no paradigma tecnológico de Mário Gouveia Júnior”, o autor busca refletir sobre o papel dos usuários e suas práticas de colaboratividade em nível *web 2.0* dentro do paradigma tecnológico e da cultura de convergência midiática. Sendo assim, Mário Gouveia aponta para ato de compartilhamento como ação ainda relacionada à ideia de que a informação é sinônimo de poder, colocando o usuário em posição de protagonismo diante das plataformas digitais.

“Memória do corpo e ciberespaço”, em diálogo de Vera Dodebei e Andrea Doyle, investiga a rica relação entre a memória do corpo e o ciberespaço, tendo como pano de fundo as comunidades científicas aqui representadas a partir de uma edição da revista *MEI*, publicada em 2011, cujo dossiê reunira mais de uma dezena de pesquisadores em torno da referida temática. Nesse contexto, as autoras lançam sua reflexão sobre o espaço do ciberespaço, do cibernético, e as relações com o corpo e as possíveis coletividades da memória.

“Memória e esquecimento no mundo virtual: os mesmos fios tecendo uma nova trama?”, de Georgete Medleg Rodrigues e Eliane Braga de Oliveira, trata da

emergência do “direito ao esquecimento” no ambiente digital e seus desdobramentos, analisando documentos da União Europeia e da Unesco, e sistematiza as reflexões de alguns autores sobre a questão da memória e do esquecimento e suas implicações no mundo virtual.

Nesse mesmo escopo, o artigo “Uma reflexão sobre o direito ao esquecimento e sua relação com as máquinas sociais: o direito de desconectar-se”, de Célio Andrade Santana Júnior, Camila Oliveira de Almeida Lima e Amanda Maria de Almeida Nunes, desenvolve-se a partir de uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de apontar a ineficácia da forma como o “direito ao esquecimento” vem sendo aplicado mediante as complexas estruturas de conexão existentes entre usuários, *software* social e dispositivos (*hardware*), concebidos para colaborar entre si.

“Dark Web e seus não lugares: por um estudo das dobras invisíveis do ciberespaço”, de Richele Vignolli e Silvana Drumond Monteiro, imerge-nos nas camadas mais profundas do ciberespaço, em um mundo aparentemente invisível, de escalas incalculáveis, cuja informação não organizada, não indexada em muitos dos casos, apresenta-nos a um problema pungente em relação à construção do conhecimento, uma vez que as informações na Deep Web e na Dark Web ainda não são facilmente acessíveis ao usuário comum.

O segundo bloco se inicia com “HiperMemo: a hipermídia e a memória no mundo digital”, de Luis Estevão Goulart e Priscila F. Perazzo, que aborda as questões das convergências da hipermídia com a memória, tendo como perspectiva aspectos da oralidade, histórias de vida e do patrimônio cultural local, enquanto elementos que compõem a nova ordem social baseada nessas tecnologias, como uma cibercultura.

Em seguida, “Cultura, memória e curadoria digital na plataforma SNIIC”, de Maria José Vicentini Jorente, Anahí Rocha Silva e Ricardo Medeiros Pimenta, apresenta um estudo sobre o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC), uma plataforma colaborativa que reúne objetos e recursos *digitais convergidos para a atualização de memória em suas instâncias individual e coletiva no ambiente digital que viabiliza a agregação de informações referentes à cultura, de discursos plurais, dá voz e visibilidade à diversidade cultural, interferindo na construção, preservação e disseminação da memória coletiva e do patrimônio cultural.*

O artigo seguinte, “Preservação de documentos arquivísticos digitais: reflexões sobre as estratégias de encapsulamento”, de Daniel Flores e Henrique Machado dos Santos, aborda o documento arquivístico digital e a necessidade de se atualizar as teorias, de forma a contemplar a realidade digital na qual temas como a preservação digital se tornam cada vez mais candentes.

Em seguida “Preservação digital em repositórios institucionais: práticas na região Sudeste do Brasil”, de Simone da Rocha Weitzel e Marco Aurélio Alencar de Mesquita, dá continuidade à discussão - com destaque às boas práticas de preservação digital aplicada aos repositórios institucionais (RIs), em instituições públicas de ensino e de pesquisa na região Sudeste do Brasil - e ao papel da política de preservação digital nas práticas de preservação.

“Reflexões sobre patrimônio digital a partir da experiência do projeto Arquigrafia”, de Artur Simões Rozestraten, Vânia Mara Alves Lima, Eliana de Azevedo Marques e Marina de Souza Barbosa Ferreira, traz à luz uma reflexão crítica sobre os desafios dos patrimônios culturais e digitais a partir da experiência de cinco anos de atividades do projeto multidisciplinar Arquigrafia, desenvolvido como um ambiente colaborativo na *web*, para o qual convergem fotografias de acervos institucionais e coleções

particulares de usuários, de maneira a formar um patrimônio digital contemporâneo, no domínio da arquitetura brasileira.

“Ontologia CIDOC CRM no contexto dos ambientes digitais de patrimônios culturais”, de Laís Barbudo Carrasco, Manfred Thaller e Silvana Aparecida B. G. Vidotti, coloca em perspectiva o acesso e a recuperação multilíngue da informação enquanto questão urgente para o patrimônio cultural mundial, em que ontologias, como aquela do Cidoc CRM, têm se tornado uma necessidade iminente para as instituições no cenário global digital.

“Suricate Seboso no Facebook: linguagem, identidade e memória do Nordeste em rede”, de Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante, Maria Clara Sidou Monteiro, Jessica Carneiro e João Victor Sales, apresenta um estudo sobre a possibilidade de reafirmação da identidade nordestina, e sua relação com memória, a partir das práticas de comunicação mediadas pelas plataformas das redes sociais, mais especificamente da página Suricate Seboso, no Facebook. Linguagem, identidade e memória compõem-se como os elementos constituintes da página em questão, marcada pela abordagem humorística.

“Memória de poetas populares na internet: uso da plataforma WordPress na preservação e acesso a artefatos poéticos da literatura de cordel brasileira”, de Sale Mario Gaudencio, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque e Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, fecha o dossiê com uma pesquisa sobre a preservação e o acesso aos artefatos da memória coletiva da poesia popular na internet. O artigo assinala que preservar a memória da poesia popular, particularmente a memória da vida e da obra de seus autores, por meio da adoção de recursos tecnológicos – no caso desse artigo, o uso do WordPress –, propicia a preservação e o acesso a artefatos poéticos da literatura de cordel, marcados pela presença de uma forte linguagem crítica do social.

Boa leitura!